

Almada

ARQUEOLOGIA | PATRIMÓNIO | HISTÓRIA LOCAL

IIª série #19 Jan. 2015

dossiê

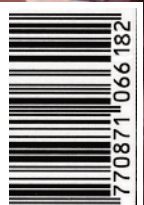
ARQUEOLOGIA E PATRIMÓNIO INDUSTRIAL

teoria, âmbito, metodologia
e estudos de caso

Que Futuro
para os Ecomuseus?

O Novo Regulamento
de Trabalhos Arqueológicos

Preço: 12 €



CAA

Centro de Arqueologia de Almada

dois suportes...

...duas revistas diferentes

**o mesmo
cuidado editorial**

al·madan

revista impressa



**Iª Série
(1982-1986)**

**IIª Série
(1992-...)**



(2005-...)

**al·madan
online**

**revista digital
em formato pdf**

[<http://www.almadan.publ.pt>]

[<http://issuu.com/almadan>]



edições

CAA

Centro de Arqueologia de Almada



Capa | Jorge Raposo

Interior da secção de rebaixar rollhas da fábrica de cortiça Mundet & Cª Lda., no Seixal.

Fotografia © Câmara Municipal do Seixal / Ecomuseu Municipal do Seixal - Centro de Documentação e Informação, Rosa Reis, 2004.

al-madã

II Série, n.º 19, Janeiro 2015

Propriedade | Centro de Arqueologia de Almada, Apartado 603 EC Pragal, 2801-601 Almada Portugal

Tel. / Fax | 212 766 975

E-mail | secretariado@caa.org.pt

Internet | www.almadan.publ.pt

Registo de imprensa | 108998

ISSN | 0871-066X

Depósito Legal | 92457/95

Impressão | A Triunfadora, Artes Gráficas Ld.ª

Publicidade | Elisabete Gonçalves

Distribuição | Centro de Arqueologia de Almada

Tiragem | 500 exemplares

Periodicidade | Anual

Patrocínio | Câmara M. de Almada

Parceria | ArqueoHoje - Conservação e Restauro do Património Monumental, Ld.ª

Apoio | Neóptica, Ld.ª

Director | Jorge Raposo
(director.almadan@gmail.com)

Conselho Científico |
Amílcar Guerra, António Nabais,
Luís Raposo, Carlos Marques da Silva
e Carlos Tavares da Silva

Redacção | Vanessa Dias, Ana L. Duarte,
Elisabete Gonçalves e Francisco Silva

Resumos | Jorge Raposo (português),
Luisa Pinho (inglês) e Maria Isabel dos
Santos (francês)

Modelo gráfico, tratamento de imagem
e paginação electrónica | Jorge Raposo

Revisão | Vanessa Dias, José Carlos
Henrique, Fernanda Lourenço e
Sónia Tchissole

Colunistas | Amílcar Guerra,
Víctor Mestre, Luís Raposo e António
Manuel Silva

Colaboram neste número |

Telmo António, ArqueoHoje, Jacinta
Bugalhão, Ida Buraca, João Luís
Cardoso, Sílvia Casimiro, Virgílio
Hipólito Correia, Rui Maneira Cunha,
Francisco Curate, Jorge Custódio,
Susana José Dias, Ana Luísa Duarte,
Graça Filipe, Deolinda Folgado,
Amílcar Ribeiro Guerra, Fernando
Robles Henriques, Lígia Marques,
Sandra Marques, Vítor Matos, Vítor
Mestre, Nuno Neto, César Oliveira,
Mafalda Sofia Paiva, Rui Pinheiro,
Eduardo Porfírio, Paulo Oliveira

Ramos, Jorge Raposo, Luís Raposo,
Paulo Rebelo, Sérgio Rosa, Jorge Russo,
Raquel Santos, João Luís Sequeira,
Miguel Serra, António Manuel Silva,
Sofia Silva, Ana Tavares, Ricardo Triães
e Hugues de Varine

Por opção, os conteúdos editoriais da
Al-Madã não seguem o Acordo Ortográfico
de 1990. No entanto, a revista respeita a
vontade dos autores, incluindo nas suas
páginas tanto artigos que partilham a
opção do editor como aqueles que
aplicam o dito Acordo.

A E-FAITH (European Federation of Associations of Industrial and Technical Heritage), tem em curso uma campanha para celebrar 2015 como Ano Europeu do Património Industrial e Técnico, reunindo várias iniciativas por toda a Europa (ver <http://www.e-faith.org>).

Em Portugal, pode dizer-se que essa celebração já se iniciou em 2014. Em Maio, realizou-se no Porto o II Congresso Internacional sobre Património Industrial, numa iniciativa da Universidade Católica apoiada pela Associação Portuguesa para o Património Industrial (APPI) e pelo The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage (TICCIH). Poucos dias depois, em Junho, coube ao Museu Nacional de Arqueologia e à Associação Portuguesa de Arqueologia Industrial (APAI) organizar em Lisboa uma Jornada de Arqueologia Industrial para reflectir sobre o presente e o futuro da Arqueologia e do Património pré-industriais e industriais. Considerando a oportunidade e a importância da temática, a *Al-Madã* associa-se a este movimento europeu reunindo em dossiê especial um conjunto de artigos que desenvolve as apresentações à Jornada lisboeta. São contributos certamente relevantes para o indispensável diálogo científico multidisciplinar, no sentido da precisão e clarificação de conceitos, métodos e práticas, com a consequente afirmação da reivindicada especificidade na área das ciências arqueológicas e patrimoniais, tanto nos planos da investigação e da salvaguarda, como nos da valorização, divulgação e sociabilização.

Esta *Al-Madã* impressa dá ainda destaque a reflexões sobre o panorama museológico português e internacional, no que respeita aos museus ditos “tradicionalistas” e, particularmente, quanto ao presente e futuro que se perspectiva para os ecomuseus, face aos riscos e desafios hoje enfrentados pelas instituições que adoptaram este paradigma museal e atendendo às tendências já identificáveis. Para além de estudos e intervenções recentes de natureza muito diversa, a publicação do novo *Regulamento de Trabalhos Arqueológicos* merece também o devido destaque, com enquadramento histórico e legislativo, análise e comentários ao documento que estruturará toda a futura actividade arqueológica portuguesa.

Em paralelo, ao mesmo tempo que se inicia a distribuição deste volume da *Al-Madã* impressa, fica também disponível na Internet outro tomo da sua “irmã” mais nova, a *Al-Madã Online*, com conteúdos diferentes e suplementares em formato digital para acesso generalizado e gratuito (ver <http://issuu.com/almadan>). Apenas no último semestre, esta solução editorial contabilizou um número de visualizações superior a 210 mil e foi procurada por mais de onze mil leitores de praticamente todos os continentes (a excepção é a Oceania), com destaque natural para os de Portugal, mas com boa expressão também no Brasil e em Espanha.

No presente volume impresso ou no tomo digital, as páginas da *Al-Madã* e da *Al-Madã Online* estão à sua disposição. Votos de boa leitura...

Jorge Raposo

EDITORIAL ...3 ▶

CURTAS ...6 ▶

CRÓNICAS DE...

PRÉ-HISTÓRIA ANTIGA |
Luís Raposo ...8 ▶



ARQUEOLOGIA CLÁSSICA |
Amílcar Guerra ...12 ▶

ARQUEOLOGIA PORTUGUESA |
António Manuel S. P. Silva ...15 ▶

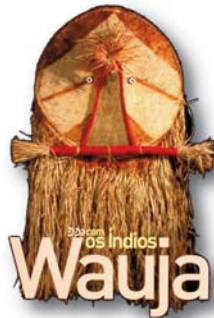
PATRIMÓNIO | Victor Mestre ...19 ▶

OPINIÃO

Que Futuro Para os Ecomuseus? |
Graça Filipe e Hugues de Varine ...21 ▶

Museu: a Fénix sempre renascida |
Luís Raposo ...37 ▶

Regulamento de Trabalhos
Arqueológicos (Decreto-lei
n.º 164/2014, de 4 de Novembro):
versão anotada | Jacinta
Bugalhão ...40 ▶



ARQUEOLOGIA

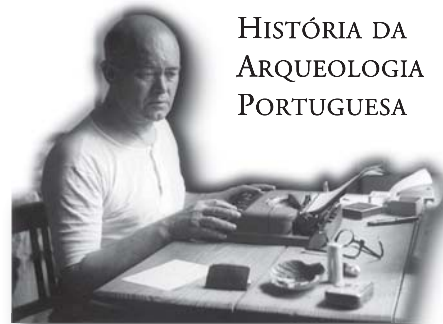
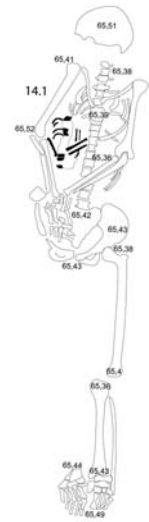
Escavação Arqueológica
do Alambor do Castelo
Templário de Tomar:
arranjo urbanístico da
envolvente ao Convento
de Cristo | Susana José
G. Dias ...49 ▶



Arqueologia Preventiva:
um exemplo na Zona de
Proteção Especial do
Mosteiro de Pombeiro |
Rui Pinheiro ...59 ▶

ARQUEOCIÊNCIAS

Mortalidade Infantil na Ermida do
Espírito Santo (Almada): entre o afecto
e a marginalização | Francisco Curate,
Fernando Robles Henriques, Sérgio Rosa,
Vitor M. J. Matos, Ana Tavares
e Telmo António ...68 ▶



HISTÓRIA DA
ARQUEOLOGIA
PORTUGUESA

Cinquenta
Anos Depois:
Abel Viana e a
Arqueologia portuguesa |
João Luís Cardoso ...159 ▶

NOTICIÁRIO ARQUEOLÓGICO

ArqueoHoje, Conservação
e Restauro do Património
Monumental | ArqueoHoje ...169 ▶



Neoépica, Ld.ª:
principais intervenções em 2013 |
Nuno Neto, Paulo Rebelo
e Raquel Santos ...170 ▶

Projeto Arqueológico do Outeiro
do Circo (Beja): campanha de 2014 |
Miguel Serra, Eduardo Porfírio
e Sofia Silva ...172 ▶



Análises Químicas
de Ânforas Identificadas em Conimbriga |
César Oliveira, Ida Buraca, Virgílio
Hipólito Correia e Ricardo Triães ...175 ▶

LIVROS ...177 ▶ RECORTES ...178 ▶

dossiê

ARQUEOLOGIA E PATRIMÓNIO INDUSTRIAL

(Um)a História da Expressão
“Arqueologia Industrial” |
Paulo Oliveira Ramos ...76 ▶



O Território e o Tempo
da Arqueologia Industrial.
Intervenção e investigação:
realidades de hoje,
perspectivas de futuro |
Jorge Custódio ...80 ▶

Conjunto de artigos que dão sequência
às intervenções proferidas na “Jornada de
Património Industrial” promovida pela
Associação Portuguesa de Arqueologia
Industrial (APAI) no dia 19 de Junho de 2014.
Numa organização conjunta com o Museu
Nacional de Arqueologia, a Jornada reuniu
neste último especialistas nacionais e permitiu
tratar aspectos teóricos e estudos de caso nas
áreas da Arqueologia e Património industriais.

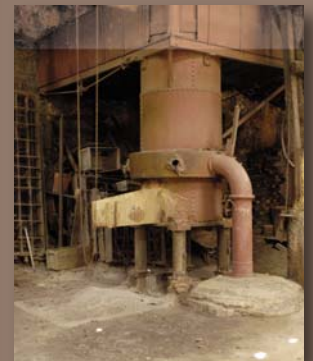
Arqueologia Industrial:
fontes, métodos e técnicas |
Rui Maneira Cunha ...96 ▶

Os Moinhos da Boa Sentença
(Oeiras): arqueologia e
salvaguarda | Sílvia Casimiro
e Sandra Marques ...106 ▶



Património Industrial:
um património para os tempos modernos |
Deolinda Folgado ...134 ▶

O Projecto do Museu da
Levada de Tomar: a musealização
como processo de salvaguarda
de Património técnico e
industrial | Graça Filipe ...137 ▶



A Fábrica de Azeite
de Purgueira da Quinta
da Alorna, em Almeirim |
João Luís Sequeira ...112 ▶



O Museu Metalúrgica Duarte Ferreira:
da inovação industrial à preservação
do legado | Lígia Marques ...147 ▶

A Tecnologia do Vapor Naval
Como Contributo Para a
Arqueologia Náutica e
Subaquática | Jorge Russo ...124 ▶



A Ilustração Científica
Como Forma de Promoção
do Património Industrial |
Mafalda Sofia Paiva ...153 ▶



RESUMO

Estudo sobre amostra osteológica exumada na escavação de necrópole associada à Ermida do Espírito Santo, templo de origem medieval situado em Almada. Centra-se nos restos mortais de seis falecidos no período perinatal (entre as 20 semanas gestacionais e os 28 dias após o parto), e de dois indivíduos adultos (presumivelmente as mães de dois dos perinatos). A partir desta amostra e da análise dos registos de óbitos da Paróquia de Santa Maria (Almada), abordam-se as mortes perinatais e as mortes obstétricas de mãe e criança, bem como o tratamento fúnebre diferenciado associado a cada um dos perinatos, que traduz a fronteira entre os mortos “clandestinos”, não baptizados, e os mortos socialmente enquadrados.

PALAVRAS CHAVE: Antropologia biológica; Antropologia funerária; Obstetria; Mortalidade infantil.

ABSTRACT

Study on the osteological sample exhumed during excavations at the necropolis adjoining the Espírito Santo Chapel, a medieval church in Almada. The authors focuses on the perinatal remains of six individuals (between 20 pregnancy weeks to 28 days post-delivery), and two adult individuals (presumably the mothers of two of the perinatal individuals). From this sample and the analysis of death registers at the Santa Maria Parish (Almada), they study the perinatal deaths and the obstetric deaths of the mothers and babies, as well as the funerary treatment given to each of the perinatals, which evidences the frontier between “clandestine” deaths and socially accepted ones.

KEY WORDS: Biological Anthropology; Funerary Anthropology; Obstetrics; Child mortality.

RÉSUMÉ

Etude d'un échantillon ostéologique exhumé lors de la fouille d'une nécropole associée à l'Ermida do Espírito Santo, temple d'origine médiévale situé à Almada. On centralise sur les restes mortels de six défunts en période périnatale (entre les 20 semaines gestationnelles et les 28 jours après l'accouchement), et de deux individus adultes (supposément les mères des deux périnataux). A partir de cet échantillon et de l'analyse des registres de décès dans la Paroisse de Santa Maria (Almada), on aborde les morts périnatales et les morts obstétriques de mère et enfant, ainsi que le traitement funèbre différencié associé à chaque périnatal, qui traduit la frontière entre les morts « clandestins », non baptisés, et les morts socialement intégrés.

MOTS CLÉS: Anthropologie biologique; Anthropologie funéraire; Obstétrique; Mortalité infantile.

^I Centro de Investigação em Antropologia e Saúde, Universidade de Coimbra, Portugal; Departamento de Ciências da Vida, Universidade de Coimbra, Portugal.

^{II} Câmara Municipal de Almada, Portugal.

^{III} Unidade de Neonatologia, Serviço de Pediatria, Hospital Garcia de Orta, Almada, Portugal.

Mortalidade Infantil na Ermida do Espírito Santo (Almada)

entre o afecto e a marginalização

Francisco Curate ^I, Fernando Robles Henriques ^{II}, Sérgio Rosa ^{II}, Vítor M. J. Matos ^I, Ana Tavares ^{III} e Telmo António ^{II}

INTRODUÇÃO

A história é feita por homens e mulheres, e como tal pode ser interrogada e reescrita, entre o mutismo e a omissão. Não obstante, a vida sempre deixa os seus ossos e o passado encontra-se enclausurado nos restos esqueléticos como numa espécie de casulo ou de estase (CURATE, 2011). O esqueleto é interessante, não apenas devido à sua tangibilidade, mas também porque personifica, mesmo que de forma mutilada e lacunar, a história do indivíduo a quem pertenceu (SOFAER, 2004). As crianças – antes abandonadas nas margens esquecidas do registo arqueológico – começam a emergir nos interstícios dos novos paradigmas da Arqueologia social e da Antropologia, na esteira do trabalho seminal de Philippe ARIÉS (1960) e, sobretudo, dos avanços dos estudos feministas e de género que as transformaram em agentes activos do passado, com a sua própria identidade social e cultura material, revelando o segredo inconfessável: as crianças nunca pertenceram exclusivamente ao “mundo das mulheres” (LEWIS, 2007; LILLEHAMMER, 1989). Como é lógico supor, muitos dos dados basilares relativos à arqueologia da infância resguardam-se em esqueletos infantis de diversos contextos arqueológicos (por exemplo, ANDERSON e PARFITT, 1998; FARJAS, CODINA e DIAZ I CARVAJAL, 2013; GRAUER e MCNAMARA, 1995; LEWIS e GOWLAND, 2007; PAREDES, FERREIRA e WASTERLAIN, 2013; SAUNDERS, HERRING e BOYCE, 1995).

A desapareição do corpo infantil de muitos espaços fúnebres pré-históricos e históricos – real ou assim averbada por arqueólogos e antropólogos – é uma fonte potencial de viés em estudos paleodemográficos (CHAMBERLAIN, 2006). É natural, pois, que a representatividade de esqueletos infantis em amostras históricas seja ainda vastamente escrutinada e interpretada (CARDOSO, 2004). Ainda assim, é o estudo do corpo esquelético infantil que expõe os seus resguardos e mistérios, que lhe outorga – enquanto “categoria esquecida” – um lugar na ordem social e histórica (CURATE, 2011; SÉGUY e BUCHET, 2013): o esqueleto infantil possui vínculos com as circunstâncias e o mundo, e diz algo indisputável sobre as interações que ocorreram entre as crianças mortas e o seu ambiente histórico, social, cultural e biológico (CURATE *et al.*, 2013; LEWIS, 2007).

No âmbito da aprovação de uma candidatura da Câmara Municipal de Almada ao Quadro de Referência Estratégico Nacional (QREN), foi concretizada, entre 2010 e 2011, uma ampla intervenção arqueológica na Ermida do Espírito Santo, antecipando a recuperação de que este imóvel seria alvo, como futuro Centro de Interpretação de Almada Velha (ANTÓNIO e HENRIQUES, 2012). Durante a escavação foram recuperados os restos esqueléticos de 88 indivíduos, dos quais oito foram analisados no âmbito deste trabalho. Desse modo, o estudo bioarqueológico – que enfatiza o componente biológico humano em contexto arqueológico – de seis indivíduos mortos durante o período perinatal e de duas mulheres falecidas em idade reprodutiva fixa o âmbito deste trabalho, cujos objectivos passam pela interpretação das mortes perinatais e das mortes obstétricas de mãe e criança num contexto histórico anterior à transição demográfica, e pela análise das profundas disparidades no tratamento fúnebre associado a cada um dos perinatos.

CONTEXTO HISTÓRICO

A Ermida do Espírito Santo é um templo de uma só nave cuja actual edificação remonta provavelmente aos séculos XVII-XVIII. Com base em pesquisa preliminar levada a cabo nos Arquivos Nacionais da Torre do Tombo e no Arquivo Distrital de Setúbal, a primeira referência identificada sobre a existência desta capela remonta ao ano de 1478 (ANTÓNIO e HENRIQUES, 2012). Não obstante, a sua data de fundação poderá ser bem mais antiga. Alguns autores (ANTUNES, 1993) recuam a sua edificação a, pelo menos, meados do século XIV. Independentemente da época da sua construção, como facto concreto, sabe-se que a ermida foi desde sempre administrada pela igreja de Santa Maria do Castelo.

Ainda com suporte na documentação consultada, sabe-se que, em 1533, a Ermida estaria em avançado estado de degradação. Com alguma probabilidade esta situação terá decorrido dos impactes do terramoto de 1531, que atingiu a região de Lisboa com uma magnitude extremamente elevada.

O aparelho de construção ter-se-á decerto ressentido, motivando uma reconstrução num momento posterior.

Sendo uma capela anexa sob administração da Igreja de Santa Maria, a celebração de casamentos e baptizados parece ter ocorrido, de acordo com os registos, em situações muito pontuais. Do mesmo modo, no que concerne aos enterramentos, foi identificado, até 1755, apenas um registo de óbito com sepultamento no oratório, mais concretamente na capela-mor, datado de 1623. Não se podendo excluir a existência de outros enterramentos, eles terão sido sempre muito raros e, tal como acontece em relação aos casamentos, a explicação permanece pouco clara. Esta realidade viria, contudo, a alterar-se por força da destruição do terramoto de 1755. Em Almada, apenas a Ermida do Espírito Santo terá permanecido relativamente incólume. Consequentemente, passou a funcionar como sede da freguesia de Santa Maria do Castelo até ao final do século XVIII, período durante o qual terá sido amplamente utilizada como espaço sepulcral. A última inumação terá ocorrido em 1833, quando já era apenas uma filial da sede de paróquia, necessitando os sepultamentos no seu interior de consentimento expresso por parte do pároco. Consistindo sempre em situações excepcionais, estes enterros estavam quase sempre ligados a factores afectivos (por exemplo, casos em que a restante família ali estava já sepultada).

A função sacra deste edifício perdura intermitentemente ao longo do século XIX, período em que se assiste a uma inexorável degradação estrutural, que acompanha a lenta perda de identidade religiosa. A implantação da República, em 1910, marca definitivamente o termo da sua vocação cultural, à época já bastante residual (ANTÓNIO e HENRIQUES, 2012).

MATERIAIS E MÉTODOS

Os restos esqueléticos de 88 indivíduos foram exumados da Ermida do Espírito Santo; dentre estes, 12 (13,6 %) eram não-adultos. A maior parte das sepulturas era de deposição simples (97,7 %; 94/96), com orientação SO-NE (97,7 %; 94/96). Este estudo foca-se em seis indivíduos que morreram provavelmente durante o período perinatal (sepulturas 14, 29, 37, 38, 85 e 86) e em duas mulheres adultas (sepulturas 14 e 37). As sepulturas 14 e 37 eram as únicas sepulturas duplas. A idade dos indivíduos não-adultos foi estimada a partir do comprimento dos ossos longos (CARNEIRO *et al.*, 2013; SCHEUER, MUSGRAVE e EVANS, 1980). A diagnose sexual e a estimativa da idade à morte nos indivíduos femininos adultos foram obtidas através de procedimentos paleodemográficos estandardizados (BROOKS e SUCHET, 1990; BUCKBERRY e CHAMBERLAIN, 2002; BUIKSTRA e UBELAKER, 1994). Os registos paroquiais de Santa Maria do Castelo (Almada), curados no Arquivo Distrital de Setúbal, entre os anos de 1614 e 1835 (óbitos), e os materiais arqueológicos associados às sepulturas foram também analisados.

RESULTADOS

Todos os indivíduos não-adultos morreram durante o período perinatal, isto é, entre as 20 semanas gestacionais e os 28 dias após o parto (Tabela 1; Fig. 1). Os dois adultos do sexo feminino faleceram durante a idade reprodutiva, entre os 20 e os 40 anos (Tabela 2). Dos seis perinatos, cinco foram depositados em decúbito dorsal e orientados de acordo com a esmagadora maioria da congregação (SO-NE). Os indivíduos das sepulturas 14 e 37 foram sepultados nos braços das suas presumíveis mães, sepultadas na nave central, evocando a posição de embalar o bebé (Figs. 2 e 3). Dois dos indivíduos não-adultos foram inumados fora da nave da Ermida (sepulturas 29 e 86), e um foi sepultado no nártex do templo (sepultura 85), contíguo à porta de entrada mas fora da nave central. Por fim, um dos perinatos foi sepultado na nave central, em decúbito ventral, com orientação heterodoxa SE-NO (sepultura 38). O contexto mortuário deste indivíduo é sugestivo de um enterramento não ritualizado (Figs. 4 e 5).

As duas mulheres jovens foram enterradas em decúbito dorsal, com orientação SO-NE. Ambas foram envolvidas num sudário e depositadas directamente no solo. A localização dos enterramentos na igreja (Fig. 6) e, sobretudo, o vestuário e o material votivo associados à mu-



FIG. 1 – Sepultura 29, perinato.

TABELA 1 – Dados métricos [mm] e Idade Gestacional [IG] dos indivíduos não-adultos

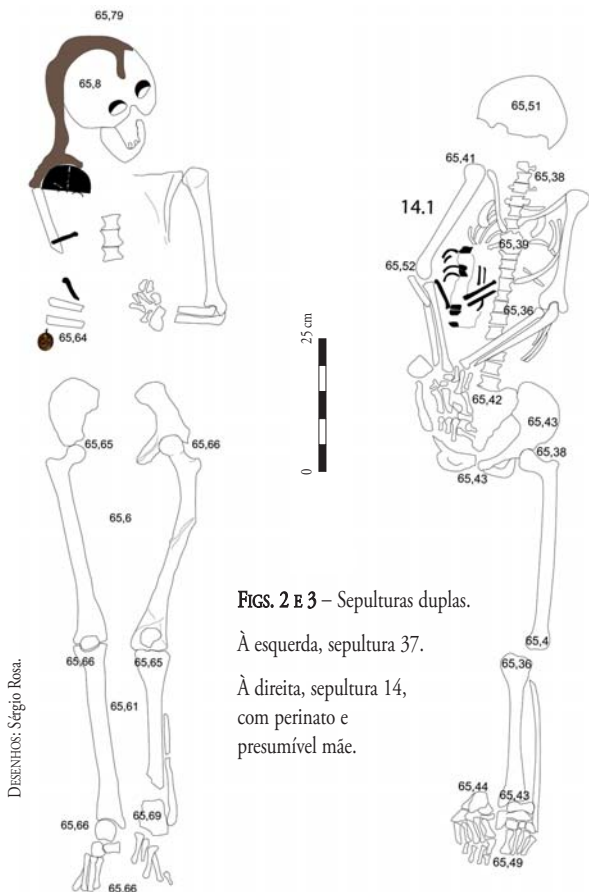
Indivíduo	Úmero	Rádio	Ulna	Fémur	Tíbia	Fíbula	IG [semanas]
#14	---	61,56	69,72	---	---	83,30	42,50 - 43,70
#29	65,49	52,84	---	73,78	65,73	63,16	35,99 - 37,90
#37	---	44,57	---	---	53,92	---	31,93 - 34,16
#38	69,28	62,00	---	79,99	70,54	---	38,13 - 44,00
#85	62,78	---	---	70,10	61,88	---	34,66 - 37,50
#86	65,00	---	---	80,64	---	---	36,23 - 40,19

TABELA 2 – Dados paleodemográficos e métricos [mm] dos indivíduos femininos

Indivíduo	Idade à morte	Sexo	Comprimento máximo do fémur	Comprimento máximo do úmero
#14	30-40 ¹	Feminino	417	291
#37	30-40 ²	Feminino	380	260

¹ Métodos de Suchey-Brooks e Buckberry e Chamberlain;

² Método de Buckberry e Chamberlain.



FIGS. 2 E 3 – Sepulturas duplas.

À esquerda, sepultura 37.

À direita, sepultura 14, com perinato e presumível mãe.

DESENHOS: Sérgio Rosa.

FIGS. 4 E 5 – À direita e na página seguinte, sepultura 38, enterramento não ritualizado de um perinato.



lher inumada na sepultura 37, sugerem que estas jovens mulheres poderiam fruir de um estatuto social relativamente elevado.

A pesquisa nos registos da paróquia de Santa Maria do Castelo, curados no Arquivo Distrital de Setúbal, permitiu a recolha de dados historiográficos reveladores de um caso de morte obstétrica de mãe e filha no ano de 1771, e de dois casos de abandono de recém-nascido já morto (anos de 1800 e 1805), cujos sepultamentos se efectuaram na Ermida do Espírito Santo. As transcrições não podem ser atribuídas de forma directa e inequívoca a qualquer um dos esqueletos estudados; contudo, desvelam uma perspectiva importante – conquanto parcial e quase burocrática – do modo como as “calamidades obstétricas” e a morte e abandono neonatais eram entendidas e processadas pela sociedade almadense (ou, mais precisamente, pelos párocos de Santa Maria do Castelo) em finais de setecentos e inícios de oitocentos:

– “Em trinta e hum de Janeiro de mil Setecentos e setenta e hum foi sepultada nesta Igreja Maria Joachina mulher de Francisco José Almada. Recebeu o Sacramento de Extrema unção e não fez testamento. Tão bem foi sepultada huma filha parida no mesmo instante baptizada e morta de que fiz este termo” (Arquivo Distrital de Setúbal, Paróquia de Santa Maria do Castelo, Registos de Óbitos, Fig. 7).

– “Aos vinte e trez de Julho de mil e oitocentos no cemitério da Hermida do Espirito Santo que serviu n'outro tempo de Freguezia foi sepultado o corpo de hum Anonimo inocente, eig-

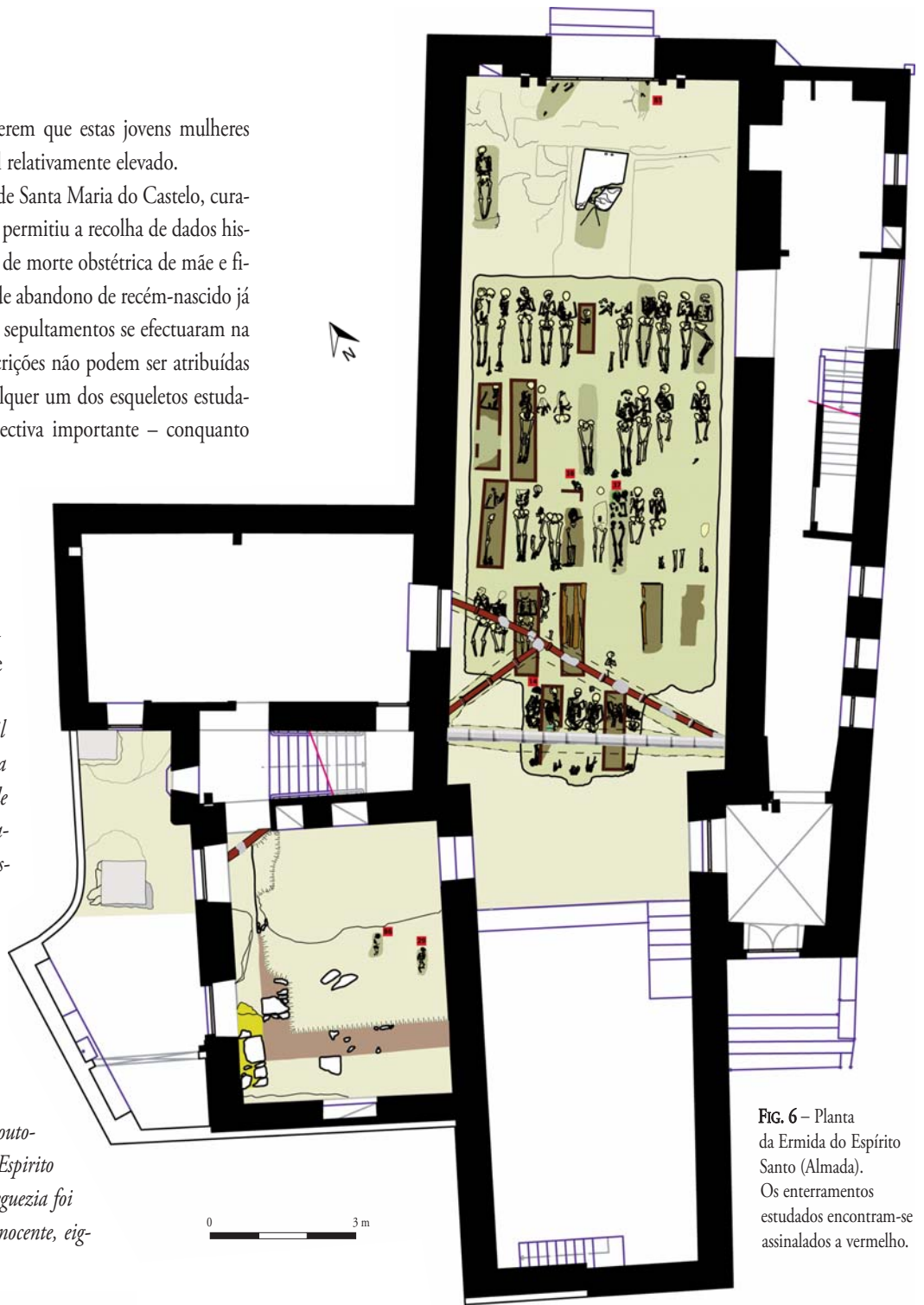


FIG. 6 – Planta da Ermida do Espírito Santo (Almada). Os enterramentos estudados encontram-se assinalados a vermelho.

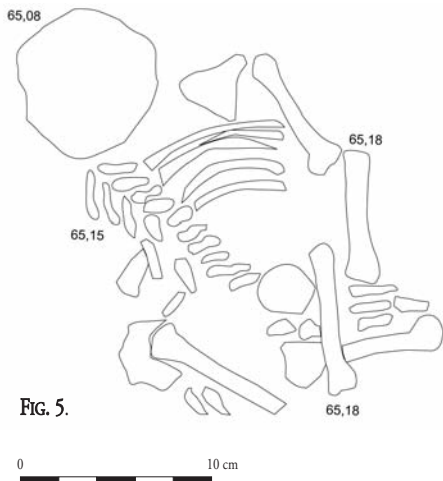
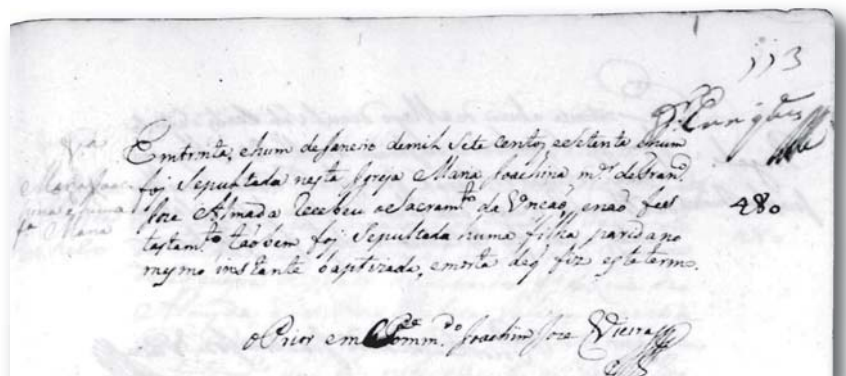


FIG. 7 – Registo de óbito de Maria Joachina (reproduzido com autorização do Arquivo Distrital de Setúbal).



noro de quem seja filho, pois apareceu espasto na dita Hermida de que fiz este termo q'assignei" (Arquivo Distrital de Setúbal, Paróquia de Santa Maria do Castelo, Registos de Óbitos, Livro 8).

– *"Aos dezanove de Março de mil outocentos e sinco na Hermida do Espírito Santo foi sepultado hum inocente que lá apareceu morto cujos pais, nome e género eu ignoro de que fiz este termo"* (Arquivo Distrital de Setúbal, Paróquia de Santa Maria do Castelo, Registos de Óbitos, Livro 7).

DISCUSSÃO

As idades à morte estimadas dos indivíduos não-adultos são consistentes com gestações de termo – ou quase –, sugerindo que todos faleceram em período perinatal: na altura do parto ou pouco tempo depois. O período perinatal é aqui definido como o período em redor do nascimento, entre as 20 semanas *in utero* e os 28 dias após o nascimento (BARFIELD, 2011). As mortes perinatais incluem, pois, as mortes fetais com um período presumido de gestação de 20 semanas ou mais e a mortalidade neonatal, ocorrida antes dos 28 dias de idade. Não foi possível estabelecer se as mortes ocorreram *in utero* (mortes fetais, nados-mortos) ou em período neonatal, isto é, entre o nascimento e os 28 dias de vida. De qualquer modo, é provável que pelo menos dois perinatos (sepulturas 14 e 38) tenham sobrevivido alguns dias após o nascimento. Os indivíduos das sepulturas 29, 37 e 85 poderão ter nascido prematuros. Neste período histórico a viabilidade destes indivíduos estaria decerto comprometida. A prematuridade encontra-se na origem de uma grande parte dos riscos de sobremortalidade em neonatos, favorecendo uma pletoira de *handicaps* fisiológicos que dificilmente seriam ultrapassados sem o acesso aos modernos cuidados perinatais diferenciados (ROSENBERG e GROVER, 2014). A mortalidade perinatal e neonatal era extremamente elevada no passado (CHAMBERLAIN, 2006; LEWIS, 2007; RODRIGUES, 2008). Um artigo do *Archivo Universal* de 1859 referia que uma vigésima parte das crianças nascia morta, outras morriam ao nascer, e antes do ano de vida faleciam muitas mais. Em 1887, na cidade do Porto, quase 12 % dos óbitos ocorria em crianças com menos de um mês. Em Portugal, desde finais do século XIX que a mortalidade diminuiu em indivíduos com idade superior a cinco anos. Contudo, as probabilidades de sobrevivência de crianças mais novas só aumentaram após os anos de 1940 (RODRIGUES, 2008). A mortalidade perinatal, sombra inescapável até há poucos anos, usualmente reflecte as condições endógenas da criança, resultado de influências genéticas e maternas: anomalias congénitas, prematuridade e baixo peso à nascença, subnutrição, trauma durante o parto, pré-eclâmpsia / eclâmpsia e infeções puerperais (LEWIS, 2007; ROSENBERG e GROVER, 2014).

Dois dos perinatos foram depositados nos braços de uma mulher adulta em idade reprodutiva (sepulturas 14 e 12). Provavelmente, estas sepulturas duplas configuram uma relação mãe-filho. As mortes obstétricas de mãe e criança resultam frequentemente de infeções puer-

perais, pré-eclâmpsia / eclâmpsia, problemas durante o parto (trauma, parto distócico), etc. (NORIS, PERICO e REMUZZI, 2005; ROSENBERG e GROVER, 2014). O dilema obstétrico foi decerto uma característica persistente durante a evolução humana, num processo em que a pélvis da mulher bípede é, muitas vezes, de tamanho insuficiente para se ajustar ao nascimento de um bebé com um grande perímetro cefálico (PFEIFFER *et al.*, 2014). A mortalidade materna sempre foi elevada no passado, tal como a mortalidade de mãe e criança (CRUZ e CODINHA, 2010; CURATE *et al.*, 2012). As evidências arqueológicas da morte obstétrica de mãe e criança são moderadamente comuns, com casos descritos em Portugal (CRUZ e CODINHA, 2010), Espanha (AGUSTÍ e CODINA, 1992; CAMPILLO *et al.*, 1998; FLORES e SÁNCHEZ, 2007; MALGOSA *et al.*, 2004), Austrália (POUNDERS, PROKOPEC e PRETTY, 1983), Reino Unido (HAWKES e WELLS, 1975; WELLS, 1978), Estados Unidos da América (OWSLEY e BRADTMILLER, 1983), Chile (ARRIAZA, ALLISON e GERSZTEN, 1988) ou Vietname (WILLIS e OXENHAM, 2013), entre outros.

Os enterramentos duplos aqui descritos transmitem uma representação poderosa da atitude simbólica da comunidade almadense perante uma "calamidade obstétrica": em consequência da morte de uma mãe e criança – no momento do parto ou pouco depois –, foi tomada uma decisão consciente de divergência em relação ao ritual fúnebre predominante (enterramento simples) com o enterramento de dois corpos na mesma sepultura, enfatizando a sua associação biológica e social (CRAWFORD e SHEPHERD, 2007). O enterramento das crianças nos braços das presumíveis mães (embora as evidências arqueológicas e antropológicas apontem para um par mãe-filho/a, apenas uma análise de DNA poderia confirmar indubitavelmente tal relação) é ainda mais significativo se atendermos à quase inexistência deste tipo de ritual na literatura bioarqueológica. Por exemplo, ASHWORTH e colegas (1976) estudaram uma amostra de múmias femininas peruanas (N=86, grupos pré-colonial [3000 a.C.-950 d.C.] e pós-contacto [1580-1700]) em que quatro mulheres jovens foram inumadas com neonatos; não obstante, apenas uma amparava a criança nos braços. Outros casos possíveis de enterramento do par mãe-filho/a encontram-se descritos (por exemplo, GARDNER *et al.*, 2011; WEST, 1988), mas não emulam a posição dos enterramentos duplos da Ermida do Espírito Santo. A relevância cardinal da relação mãe-filho/a nestas duas sepulturas é acentuada não apenas pela posição das crianças nos braços das suas prováveis mães, mas também pela presença de material votivo relacionado com a maternidade na sepultura 17: uma medalha de bronze com a imagem de Nossa Senhora de Częstochowa (Fig. 8). No anverso da medalha está cunhada a legenda *B. V. Czestoro Vilnin Reg Pol*, significando provavelmente "Czesthova de Vilnius Rainha da Polónia". O ícone (também conhecido como Madonna Negra) é um símbolo nacional Polaco, tendo sido pintado, de acordo com a lenda, por São Lucas Evangelista. O culto da Madonna remonta ao século XIII e está centrado no Mosteiro de Jarna Góra, local onde se encontra um im-



FIG. 8 – Anverso e reverso da medalha de Nossa Senhora de Czestochowa, também conhecida como a Madonna Negra (restauração e transcrição da legenda efectuada pelo Dr. Luís Barros, a quem agradecemos).

portante ícone de Nossa Senhora, destino de peregrinações bastante expressivas desde a Idade Média. A referência a Vilnius relacionar-se-á com o período de união política entre a Polónia e o Grão-Ducado de Vilnius, estabelecida entre 1569 e 1795. Na Polónia, a Madonna Negra é cultuada como rainha e protectora da pátria, e a sua associação com a maternidade encontra-se bem estabelecida (MOSS e CAPANNARI, 1982).


A escolha do local e do ritual de inumação da maior parte dos humanos acautela qualquer marca de arbitrariedade, e entronca invariavelmente num sistema de representações culturais que engloba o domicílio do morto, as suas crenças religiosas, o seu estatuto social, entre muitos outros (CURATE, 2011). Nesse sentido, a localização dos enterramentos (sepulturas 29, 85 e 86) e a posição do corpo (sepultura 38) dos restantes perinatos marcam de forma persuasiva os termos de um tipo de tratamento funerário diferente, que expressa de forma inequívoca sentimentos de exclusão e discriminação. A localização dos corpos mortos nas margens do templo (no exterior da igreja ou na entrada da mesma), configurava muitas vezes a expressão social e mental de um impedimento teológico mais vasto: a exclusão dos recém-nascidos não-baptizados, considerados corrompidos pelo pecado original da sua concepção, de terreno consagrado. A distinção essencial entre baptizados e não-baptizados afectava o destino da criança morta, quer o local de enterramento, quer o porvir no Paraíso ou no Purgatório (MOREL, 2001). De facto, mais até do que os enterramentos 29 e 86, o enterramento do indivíduo 85 no nártex da Ermida marginal denuncia de forma pungente o destino liminar dos “inocentes” não-baptizados. De qualquer modo, a existência de “cemitérios marginais” para crianças recém-nascidas ou de marginalização de crianças no interior dos cemitérios é comum no registo histórico e arqueológico – quer no Ocidente Cristão, quer em outras sociedades e culturas (LEWIS, 2007; ANDERSON e PARFITT, 1998).

O enterramento do indivíduo 38 difere de todos os outros: a posição do corpo, bem como a sua orientação, parecem ter resultado de uma deposição coloquial e apressada, sem evidências de mediação ritual. Apesar de tudo, parece ter havido uma preocupação em sepultar o indivíduo em terreno consagrado, no centro da nave única da Ermida.

O enterramento heterodoxo do indivíduo 38 é sugestivo, não apenas de um obstáculo teológico ao enterramento de crianças sem baptismo, mas de um mundo secreto de abandono de nados-mortos, ilegitimidade e até infanticídio (GOWING, 1997). Os assentos paroquiais aqui referidos são também reveladores da realidade do abandono de recém-nascidos na Ermida do Espírito Santo. As narrativas que podem ser construídas em redor destes enterramentos são múltiplas e díspares, mas apontam sempre no sentido da marginalização de *alguns* indivíduos que morreram em período perinatal. Refira-se, para comparação, que os sepultamentos de crianças mais velhas inumadas na Ermida seguiam os paradigmas rituais dos membros adultos da comunidade. Na Ermida do Espírito Santo, a marginalização parece limitar-se, pois, aos perinatos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A bioarqueologia da infância tem vindo a representar as crianças enquanto participantes actuaes e dinâmicos no passado, reinterpretando as narrativas que as posicionavam na História como agentes passivos, quase invisíveis no registo arqueológico, excepto quando usados ou manipulados em contextos próprios de adulto (CRAWFORD e SHEPHERD, 2007; LEWIS, 2007; LILLEHAMMER, 1989). O ritual fúnebre é uma das arenas em que o conflito entre a identificação da criança como agente activo ou enquanto mero espectador do passado mais se faz sentir (CRAWFORD e SHEPHERD, 2007). Os enterramentos de perinatos da Ermida do Espírito Santo, em Almada, são especialmente reveladores que o corpo de uma criança morta pertencia aos adultos, que tomavam a identidade dominante no ritual. No caso das crianças muito novas não-baptizadas ou, de outro modo, “não-normativas” e apartadas dos paradigmas religiosos, sociais e culturais, o local e o ritual (ou falta dele) de inumação resultavam de uma escolha dos adultos. As crianças enterradas com as mães presuntivas também não parecem ter tido agência, não possuindo ainda identidade social fora da díade mãe-filho/a. A sua presença numa sepultura dupla, embora sugestiva de afeição e celebração familiar e social, resulta também de uma associação à mãe e ao mundo dos adultos.

No passado, a morte infantil era uma realidade familiar e os ritos funerários e tradições de enterramento de crianças variavam consideravelmente de população para população e também *no seio da mesma comunidade* (LEWIS, 2007; MOREL, 2001): na Ermida do Espírito Santo, em Almada, o tratamento fúnebre dos indivíduos mortos em período perinatal varia entre o afecto e comemoração social e a marginalização e desapego. 

AGRADECIMENTOS

Fundação para a Ciência e Tecnologia (bolsas #SFRH/BPD/74015/2010 [FC], #SFRH/BPD/70466/2010 [VMJM] e #PTDC/CSANT/120173/2010 [FC]).

REFERÊNCIAS

- AGUSTÍ, B. e CODINA, D. (1992) – “Noves aportacions al coneixement de les necropolis emporitanes. Les restes humanes”. *Annals de l'Institut d'Estudis Empordanesos*. Figueres. 25: 385-397.
- ANDERSON, T. e PARFITT, K. (1998) – “Two unusual burials from Medieval Dover”. *International Journal of Osteoarchaeology*. 8: 123-124.
- ANTÓNIO, Telmo e HENRIQUES, Fernando Robles (2012) – “A Ermida do Espírito Santo de Almada: notícia preliminar sobre os testemunhos documentais”. *Al-Madan Online*. Almada. II Série. 17 (1): 150-154. Em linha. Disponível em <http://lissuu.com/almdadan>.
- ANTUNES, Luís Pequito (1993) – “A Ordem de Santiago em Almada nos Séculos XII a XV”. *Al-Madan*. Almada. II Série. 2: 91-99.
- ANTUNES, L. Pequito (2000) – *Almada, Entre o Século XII e XVI. O Passado Como Expressão do Presente*. Almada: C. M. de Almada (catálogo da exposição do Núcleo Medieval / Moderno de Almada Velha).
- ARIÈS, Philippe (1960) – *L'enfant et la vie familiale sous l'Ancien Régime*. Paris: Pion.
- ARRIAZA, B.; ALLISON, M. e GERSZTEN, E. (1988) – “Maternal mortality in pre-Columbian Indians of Arica, Chile”. *American Journal of Physical Anthropology*. 77: 35-41.
- ASHWORTH, J. T.; ALLISON, M. J.; GERSZTEN, E. e PEZZIA, A. (1976) – “The pubic scars of gestation and parturition in a group of pre-Columbian and colonial Peruvian mummies”. *American Journal of Physical Anthropology*. 45: 85-89.
- BARFIELD, Wanda Denise (2011) – “Standard terminology for fetal, infant, and perinatal deaths”. *Pediatrics*. Elk Grove Village. 128: 177-181.
- BROOKS, S. e SUCHEY, J. (1990) – “Skeletal age determination based on the os pubis: A comparison of the Acsádi-Nemeskéri and Suchey-Brooks methods”. *Human Evolution*. 5: 227-238.
- BUCKBERRY, J. L. e CHAMBERLAIN, A. T. (2002) – “Age estimation from the auricular surface of the ilium: a revised method”. *American Journal of Physical Anthropology*. 119: 231-239.
- BUIKSTRA, Jane e UBELAKER, Douglas (1994) – *Standards for data collection from human skeletal remains*. Arkansas: Arkansas Archaeological Survey.
- CAMPILLO, D.; VILLASECA, A.; CASAMITJANA, E. e AYTEARÁN, N. (1998) – “Esqueleto de una mujer fallecida por distocia, perteneciente al período tardorromano (Mas Rimbau, Terragona)”. *Empuries*. 51: 251-256.
- CARDOSO, Hugo (2004) – “Onde estão as crianças? Representatividade de esqueletos infantis em populações arqueológicas e implicações para a paleodemografia”. *Antropologia Portuguesa*. Coimbra. 20-21: 237-266.
- CARNEIRO, C.; CURATE, F.; BORRALHO, P. e CUNHA, E. (2013) – “Radiographic fetal osteometry: Approach on age estimation for the portuguese population”. *Forensic Science International*. 231: e1-e5.
- CHAMBERLAIN, Andrew (2006) – *Demography in archaeology*. Cambridge Manuals in Archaeology.
- CRAWFORD, Sally e SHEPHERD, Gillian. (2007) – *Children, Childhood and Society*. Birmingham: IAA (Interdisciplinary Series Studies in Archaeology, History, Literature and Art, Volume I).
- CRUZ, C. e CODINHA, S. (2010) – “Death of mother and child due to dystocia in 19th century Portugal”. *International Journal of Osteoarchaeology*. 20: 491-496.
- CURATE, Francisco (2011) – *O Perímetro do Declínio: osteoporose e fracturas de fragilidade em três amostras osteológicas identificadas portuguesas (séculos XIX e XX)*. Tese de Doutoramento em Antropologia Biológica, FCT-Uc.
- CURATE, F.; PEDROSO DE LIMA, J.; ALBUQUERQUE, A.; FERREIRA, I.; CORREIA, J. e CUNHA, E. (2012) – “Parto, Morte e Massa Óssea na Coleção de Esqueletos Identificados do Museu Antropológico da Universidade de Coimbra (Portugal): alguns avanços preliminares”. *Cadernos do GEEvH*. Coimbra. 1: 57-65.
- CURATE, F.; ALBUQUERQUE, A.; PEDROSO DE LIMA, J.; CORREIA, J.; FERREIRA, I. e CUNHA, E. (2013) – “La clara oscuridad: estudio de moléstias crónicas en colecciones esqueléticas de referencia”. In MALGOSA *et al.*, 2013: 213-224.
- FARJAS, B. A.; CODINA, D. e DIAZ I CARVAJAL, A. (2013) – “Enterramientos infantiles irregulares durante el siglo XIX: el caso del Castillo de Sant Pere (Ribes de Freser, Girona)”. In MALGOSA *et al.*, 2013: 47-54.
- FLORES, I. L. e SÁNCHEZ, M. (2007) – “Dos casos de embarazos a término con evidencias de distocia procedentes de contextos arqueológicos de época medieval y moderna”. *Paleopatología*. 4: 1-10.
- GARDNER, K. S.; LEVENTHAL, A.; CAMBRA, R.; BARTELINK, E. J. e MARTINEZ, A. (2011) – *Mothers and infants in the Prehistoric Santa Clara Valley: what stable isotopes tell us about ancestral Ohlone weaning practices*. Santa Clara (SCA Proceedings, 25).
- GOWING, L. (1997) – “Secret births and infanticide in seventeenth-century England”. *Past and Present*. 156: 87-115.
- GRAUER, A. L. e MCNAMARA, E. M. (1995) – “A piece of Chicago's Past: exploring childhood mortality in the Dunning Poorhouse Cemetery”. In GRAUER, A. L. (ed.). *Bodies of evidence: reconstructing history through skeletal analysis*. New York: Wiley-Liss, Inc., pp. 91-103.
- HAWKES, S. C. e WELLS, C. (1975) – “An Anglo-Saxon obstetric calamity from Kingsworthy, Hampshire”. *Medical and Biological Illustration*. 25: 47-51.
- LEWIS, Mary (2007) – *The bioarchaeology of children*. Cambridge: Cambridge University Press.
- LEWIS, Mary e GOWLAND, Rebecca. (2007) – “Brief and precarious lives: infant mortality in contrasting sites from Medieval and Post-Medieval England (AD 850-1859)”. *American Journal of Physical Anthropology*. 134: 117-129.
- LILLEHAMMER, G. (1989) – “A child is born: the child's world in an archaeological perspective”. *Norwegian Archaeological Review*. 22: 89-105.
- MALGOSA, A.; ALESAN, A.; SAFONT, S.; BALLBÉ, M. e AYALA, M. M. (2004) – “A dystotic childbirth in Spanish Bronze Age”. *International Journal of Osteoarchaeology*. 14: 98-103.
- MALGOSA, A.; ISIDRO, A.; IBÁÑEZ-GIMENO, P. e PRATS-MUÑOZ, G. (2013) – *Vetera Corpora Morbo Afflicta*. Barcelona: Univ. Autònoma de Barcelona.
- MOREL, Marie-France (2001) – “Images du petit enfant mort dans l'histoire”. *Études sur la mort*. 119: 17-38.
- MOSS, Leonard e CAPPANNARI, Stephen (1982) – “In quest of the Black Virgin: she is black because she is black”. In PRESTON, James (ed.). *Mother Worship: Themes and Variations*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, pp. 53-74.
- NORIS, M.; PERICO, N. e REMUZZI, G. (2005) – “Mechanisms of Disease: pre-eclampsia”. *Nature Clinical Practice*. 1: 98-114.
- OWSLEY, D. W. e BRADTMILLER, B. (1983) – “Mortality of pregnant females in Arikara villages: Osteological evidence”. *American Journal of Physical Anthropology*. 61: 331-336.
- PREDES, J.; FERREIRA, M. T. e WASTERLAIN, S. (2013) – “Early illness: a possible case of meningitis in a modern child from the wheel of Santa Casa da Misericórdia (Faro, Portugal)”. *Cadernos do GEEvH*. Coimbra. 2: 40-46.
- PFEIFFER, S.; DOYLE, L. E.; KURKI, H. K.; HARRINGTON, L.; GINTER, J. K. e MERRITT, C. E. (2014) – “Discernment of mortality risk associated with childbirth in archaeologically derived forager skeletons”. *International Journal of Paleopathology*. 7: 15-24.
- POUNDERS, D. J.; PROKOPEC, M. e PRETTY, G. L. (1983) – “A probable case of Euthanasia among prehistoric aborigines at Roonka, South Australia”. *Forensic Science International*. 23: 99-108.
- RODRIGUES, Teresa F. (2008) – *História da População Portuguesa: das longas permanências à conquista da modernidade*. Porto: CEPSE / Ed. Afrontamento.
- ROSENBERG, Adam e GROVER, Theresa (2014) – “The newborn infant”. In HAY, W.; LEVIN, M.; DETERDING, R. e ABZUG, M. (eds.). *Pediatrics: Current diagnosis and treatment*. New York: McGraw-Hill Professional, pp. 1-62.
- SAUNDERS, S. R.; HERRING, D. A. e BOYCE, G. (1995) – “Can skeletal samples accurately represent the living populations they come from? The St. Thomas' Cemetery site, Belleville, Ontario”. In GRAUER, A. L. (ed.). *Bodies of evidence: reconstructing history through skeletal analysis*. New York: Wiley-Liss, Inc., pp. 69-89.
- SCHEUER, J. L.; MUSGRAVE, J. H. e EVANS, S. P. (1980) – “The estimation of late fetal and perinatal age from limb bone length by linear and logarithmic regression”. *Annals of Human Biology*. 7: 257-265.
- SÉGUY, Isabelle e BUCHET, Luc (2013) – *Handbook of Paleodemography*. Cham: Springer.
- SOFAER, J. (2004) – *The body as material culture: A theoretical osteoarchaeology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- WELLS, Calvin (1978) – “A mediaeval burial of a pregnant woman”. *Practitioner*. 221: 442-444.
- WEST, S. (1988) – *Wesgarth Gardens Anglo-Saxon cemetery*. Suffolk: East Anglian Archaeology.
- WILLIS, A. e OXENHAM, M. (2013) – “A case of maternal and perinatal death in Neolithic Southern Vietnam, c. 2100-1050 BCE”. *International Journal of Osteoarchaeology*. 23: 676-684.